

UNIVERSIDADE E SOCIEDADE: ações de extensão universitária no apoio um empreendimento popular e solidário com um grupo de recicladores de resíduos sólidos em Itamaracá – Pernambuco

Joseilda Maria da Silva¹

RESUMO

O objeto desse estudo foi o trabalho de extensão universitária, realizado pela UFRPE através da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal Rural de Pernambuco – INCUBACOOOP. Esta pesquisa teve o objetivo de analisar os sentidos produzidos pelo apoio da Universidade Federal Rural de Pernambuco, através da Incubadora junto na Associação dos Agentes Ecológicos e Recicladores da Ilha de Itamaracá – Pernambuco – Proilha. Nesse sentido, os objetivos específicos foram de caracterizar descritivamente o grupo, identificando os integrantes e as suas concepções sobre sentidos da participação na associação para a trajetória de vida e, por fim, analisamos de que forma o processo de incubação contribuiu para a formação da associação e do empreendimento solidário. No procedimento metodológico foi utilizada a abordagem qualitativa e descritiva, com uso da observação direta, da análise documental e de entrevistas inspiradas na História de Vida. Em termos de base teórica, realçamos alguns autores como Paul Singer, Gaiger, Cançado, Bocauyva, Bordenave, Magera e Freire. Nos resultados foi possível observar que, apesar do processo de incubação, reconhecemos que alguns avanços foram alcançados no sentido da promoção da participação e esse fato fortaleceu o grupo, mas o trabalho de apoio vivenciado na incubação, pela extensão universitária, não foi suficiente para efetivamente promover a organização associativa. No entanto, poderá o grupo ser considerado ainda embrionário e que na continuação de sua existência poderá alcançar o objetivo de serem uma associação de fato.

¹ Mestre Extensão Rural e Desenvolvimento local –POSMEX da Universidade Rural Federal de Pernambuco joseildaekonomiadomestica@hotmail.com.

Palavras Chave: Extensão universitária, Incubadoras tecnológicas de Cooperativas Populares, Participação e Desenvolvimento Local.

UNIVERSITY AND SOCIETY: UFRPE university extension actions in the activity of supporting a popular and solidary enterprise with a group of solid waste recyclers in Itamaracá - Pernambuco.

ABSTRACT

The object of this study was a university extension work, carried out by the University Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) through the Technological Incubator of Popular Cooperatives of the University Federal Rural de Pernambuco - INCUBACOOOP. This research aimed to analyze the meanings produced by the support of the University Federal Rural de Pernambuco, through the Incubator at the Association of Ecological Agents and Recyclers of Itamaracá Island - Pernambuco – Proilha. In this sense, the specific objectives were to descriptively characterize the group, identifying the members and their conceptions about the ways of participation in the association to the life trajectory; and, finally, we analyzed how the incubation process contributed to the formation of the association and of the solidarity enterprise. The methodological procedure used was the qualitative and descriptive approach, using direct observation, document analysis and interviews inspired by the Life Story. In terms of theoretical basis, we highlight some authors such as Paul Singer, Gaiger, Cançado, Bocauiya, Bordenave, Magera and Freire. In the results it was possible to observe that, despite the incubation process, we recognize that some advances were made towards the promotion of participation and this fact strengthened the group, but the supportive work experienced in the incubation, due to the university extension, was not enough to effectively promote associative organization. However, the group may still be considered embryonic and that in the continuation of its existence it may reach the goal of being a real association.

Keywords: University extension, Technological incubators of Popular Cooperatives, Participation and Local Development.

* * * * *

INTRODUÇÃO

Consideramos como importante a função da universidade na formação de quadros profissionais ajustando essa missão ao que sociedade deseja e necessita. Além desse objetivo, tem sido almejado que as atividades das universidades aconteçam articuladamente na perspectiva do ensino, da pesquisa e da extensão. Neste trabalho, evidenciamos que uma das funções da universidade, no seu diálogo com a sociedade concreta, acontece nos resultados sociais de sua ação de

extensão universitária. Um dos méritos dessa atividade é que a realidade é campo de formação, além de campo de ensino e pesquisa para estudantes, professores e técnicos administrativos.

Quando o cenário de atuação são os contextos de exclusão e pauperização, reforçamos a ideia de que a universidade contribui para a promoção e para o fortalecimento de sociedades mais democráticas e justas. Para Lima (2016), se os centros universitários são já reconhecidos por sua função clássica de construção e difusão de ciência e tecnologia, com especial alusão, reportamo-nos a uma ação da universidade no seu papel e na sua função social e político de intervenção através das atividades de extensão.

As atividades de extensão são pertinentes para os contextos com demandas sociais e pauperização. No caso do Brasil, consideramos que a maioria das cidades convivem com os inúmeros problemas provocados pelas crises econômicas, sociais e políticas de um modelo de sociedade capitalista, globalizada, repleta de tecnologias, entretanto de natureza excludente, o que acarreta na formação de exércitos de desempregados e de pessoas sem oportunidade de ocupação no mundo do trabalho formal.

Consideramos que isso seja em decorrência do modelo de sociedade e modelo econômico imposto hegemonicamente com forte a de promoção de exclusão. Sobre exclusão, Millanez (2003 p.76), associa exclusão com desenvolvimento, que sempre foi vinculado e, até mesmo, confundido com o crescimento econômico, visão que parte do falso pressuposto, base do pensamento neoliberal, de que é possível uma sociedade crescer indefinidamente e do pensamento mágico de que a ciência e a tecnologia terão sempre soluções para as consequências nefastas de nossas opções equivocadas. Nesse modelo de desenvolvimento há destaque para a tecnologia, como marca da sociedade moderna, no entanto, se a tecnologização da sociedade trouxe aspectos que possibilitaram o aumento na produção; por outro lado, ocasionou a dispensa de trabalhadores, criando um exército de reserva e gerando uma crise de desemprego.

Neste sentido, como diz Lima et al. (2015), concretiza-se a cultura digital em várias profissões e modificam formas históricas de preparar e executar tarefas que pareciam ser consolidadas historicamente.

Ao fazer comparação do quadro social vigente em relação ao mundo do trabalho, Singer (1999), indica que o Brasil pode ser considerado como o “seio da desigualdade”, onde as diferenças entre as classes, a relação campo-cidade, o nível de escolaridade e o acesso à informação são extremamente distintos, caminham em sentido contrário.

O mesmo processo de mundialização vigente, que anuncia a função de integrar, por outro lado, desintegra e exclui milhares de pessoas dos postos de trabalho. Portanto, a tendência da globalização é de criar territórios dominados por grandes empresas que sufocam qualquer médio ou pequeno empreendimento (CHAVES DE FRANÇA; QUEIROZ, 2014, p.9).

Como vias de superação ao quadro de marginalização dos trabalhadores, evidencia-se que as organizações de economia solidária são exemplos para serem aplicados como uma alternativa ao mundo capitalista ou não capitalista, assim, são pelas alternativas produtivas que podem acontecer a estruturação de grupos para se estruturarem os núcleos familiares e de comunidades de inserção ou inclusão.

Neste sentido, como diz Tiriba (2001, p. 119), por meio de produção associada, é possível se construir uma nova cultura de trabalho, não ocorrendo apenas uma preocupação com o grau de inserção das camadas populares na produção de bens e serviços, mas, principalmente, percebê-los como sujeitos de produção social da vida humana de forma que os seus empreendimentos consigam ser um espaço de criação e recriação de relações econômicas e sociais que auxiliem na sua sobrevivência.

Sinalizamos que faz-se necessário a promoção das organizações associativas, fortalecimento de sujeitos coletivos. São ações baseadas na economia solidária para promoção de renda e organização político-social, nesse caso evidencia-se o uso dos processos de incubação. Segundo Gaiger (2004), o processo de incubação pode ser entendido como um acompanhamento sistêmico que busca assessorar grupos de pessoas inseridas na formação de empreendimentos solidários. Na relação dessa possibilidade de apoio aos empreendimentos solidários e populares está o trabalho de extensão universitária. Neste contexto, conforme Singer (2005), consolidam-se, no “seio” das universidades brasileiras, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP’s), promovendo o desenvolvimento social por meio

da construção, o fortalecimento e a troca de conhecimentos com a comunidade, resultando em iniciativas econômicas autogestionárias.

Além de suas particularidades, devido ao contexto de surgimento e suas configurações históricas, a característica das incubadoras que merece maior destaque é o fato partirem da hipótese da possibilidade do trabalho coletivo e autônomo para o enfrentamento do desemprego, em outras palavras, as incubadoras não adotam a visão clássica, via emprego (FRAGA, 2018, p.506).

Ainda segundo o autor, há uma percepção de que esta, seguindo o exemplo de termos como desenvolvimento sustentável ou educação popular, tornou-se um grande guarda-chuva que acolhe ideias e, principalmente, práticas muito distintas.

Para efeito deste trabalho, consideramos a existência da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares–ITCP da Universidade Federal Rural de Pernambuco (INCUBACOOOP - UFRPE), que tem evidenciado algumas ações e a troca de conhecimentos com a sociedade, tanto na área da agricultura, como também em apoio a grupos populares em periferias urbanas, no caso dos recicladores de resíduos sólidos.

Incubadora da UFRPE

A incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP foi criada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco em 27 de maio de 1999, no âmbito do Programa de Associativismo para Pesquisa, Ensino e Extensão-PAPE. A INCUBACOOOP tem como missão incubar organizações populares no sentido de torná-las viáveis do ponto de vista econômico, social e humano, transformando-se em agentes do desenvolvimento local. (TAUK SANTOS; CALLOU, 2006, p. 33).

O processo de incubação, desenvolvido pela Incubadora, se fundamenta em metodologias participativas, processos educativos, trocas de saberes e práticas sustentáveis. Representa uma possibilidade de contribuição para reflexões sobre um modelo de Extensão Universitária realizado com e para contextos populares. Consideramos a importância de compreender as ações da universidade, em seu diálogo com a sociedade, nesse trabalho buscamos analisar e compreender as dificuldades na ação de extensão universitária realizado pela UFRPE, através da INCUBACOOOP, com o objetivo de entender os sentidos produzidos pelo apoio da universidade realizado junto na Associação dos Agentes Ecológicos e Recicladores da Ilha de Itamaracá – Pernambuco – Proilha.

Nesse sentido, escolhemos, como objetivos específicos, caracterizar descritivamente o grupo assistido identificando os integrantes e suas concepções sobre sentidos da participação na associação para a trajetória de vida e de que forma o processo de incubação, contribuiu para a formação da associação e do empreendimento solidário.

1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Analisamos as bases teóricas sobre o contexto social e político, na gênese da criação das incubadoras e nas instituições de universidades públicas brasileiras, como forma dessas ações extensivas que repercutem num território mais amplo de sua atuação para além do caráter de ensino e pesquisa.

1.1 - As Incubadoras tecnológicas de Cooperativas Populares

Diante da conjuntura desfavorável aos trabalhadores, em geral nas décadas de 1970 e 1980, floresceram propostas como reação ao processo de fechamento de postos de trabalho, de exclusão social, da crise de valores e de propostas emancipatórias (SANTANA JUNIOR, 2007). No apoio a esses segmentos, as incubadoras de empreendimentos populares realizam um trabalho de cunho social e educativo muito importante. No caso das incubadoras ligadas às universidades, muitas estão associadas aos programas de extensão universitária.

No entendimento político e metodológico, consideramos que estão interligados com a linha da economia solidária na promoção da organização dos grupos assistidos. A ideia maior seria a de promover o empoderamento dos grupos que, após cessado, o apoio inerente ao processo incubatório, seguiriam no caminho da autonomia.

Para Singer e Souza (2000), iniciativas, como o surgimento das incubadoras de cooperativas populares, assinalam uma reação dos movimentos sociais frente às diversas transformações no mundo do trabalho, em especial a crise da década de 1980, com alta taxa de desemprego, a qual parece ter sido agravada pela abertura do mercado interno para as importações nos anos 1990.

Entretanto, deve-se observar o fato de que o movimento de incubação no Brasil não se restringe, exclusivamente, às cooperativas populares. Além destas, existem

ainda incubadoras de base tecnológica, de economia de setores tradicionais, as mistas (que congregam as duas últimas) e as incubadoras privadas.

O surgimento das ITCPs teve inspiração em 1992, a partir do programa Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, idealizado pelo sociólogo Hebert de Souza, o Betinho, com a proposta de articular um trabalho de pesquisa e extensão nas Universidades que atendessem às camadas populares da sociedade e fomentasse a pesquisa no campo da Economia Solidária na academia (BOCAYUVA, 2001).

A ação das Incubadoras vinculadas às universidades está estabelecida no apoio a grupos e a comunidades em contextos de pauperização e se estabelecem em oposição ao contexto desfavorável vivido, a partir das atividades universitárias associadas ao ensino, à pesquisa e à extensão. Tendo isso, as incubadoras direcionaram suas ações, como já referimos, baseando-se na ação às ideias associadas com a economia e com os empreendimentos solidários. Essas características de apoio aos segmentos populares têm sido evidentes nas iniciativas de fortalecimento das incubadoras nos espaços universitários. A inserção das incubadoras nas universidades públicas tem contribuído, em grau e intensidade diferenciados, na construção de uma nova cultura saindo do trabalho individual para o trabalho associativo e coletivo.

2 – Os sujeitos coletivos da Associação dos Agentes Ecológicos e Recicladores da Ilha de Itamaracá, Pernambuco – Proilha

As pessoas que realizam a atividade de recolher ou catar os materiais recicláveis detêm posição fundamental na gestão de resíduos sólidos no Brasil.

No Proilha, esses trabalhadores, antes, viviam atuando predominantemente de maneira informal. Ao longo dos anos, mesmo antes da definição de políticas públicas para a gestão de resíduos sólidos no país, eles já desenvolviam um trabalho de grande importância ambiental; contribuindo significativamente para o retorno de diferentes materiais ao ciclo produtivo; gerando economia de energia e de matéria prima, evitando que diversos materiais fossem destinados a aterros sanitários ou “lixões” (GOUVEIA, 2012).

A ocupação de catador desse tipo de material identifica-se no âmbito de uma economia marginal, caracterizada pelas condições precárias de trabalho, de saúde e

bem-estar social. Desenvolvem essa atividade reconhecidamente insalubre como forma de reação ao desemprego e à exclusão, observa-se que a tendência dos catadores de materiais recicláveis é de buscarem se organizar (OLIVEIRA, *et al.*, 2012). Tida como uma atividade decorrente de um quadro caótico da falta de oportunidade para trabalho e renda, essa forma de ocupação, predominantemente marginalizada, não é recente, o que podemos verificar no que diz Juncá (2001),

Os catadores vêm de um tempo em que atuavam em cidades medievais. Ignorados pelos senhores feudais como uma sociedade marginal, esses indivíduos, em sua maioria camponeses, excluídos de seus mínimos direitos tiveram papel de grande valia na construção das cidades. Mais tarde, com a evolução industrial, esse grupo passou a ser chamado de “massa sobrando (JUNCÁ 2001, p.62).

No caso do Brasil, Bosi (2008, p. 102) sinaliza que a existência de pessoas que “vivem do lixo” não é algo recente. Para o autor, quando os catadores se fizeram visíveis nas grandes cidades, era possível quantificá-los em milhares. Estima-se que, no ano de 2005, a população de catadores no Brasil tenha ultrapassado 1 milhão de trabalhadores.

O número crescente de catadores de materiais recicláveis está relacionado ao aumento da pobreza e à falta de outras oportunidades diante das exigências para acesso ao mercado de trabalho formal. Por isso, é imprescindível que esses trabalhadores se organizem em associação, cooperativas e formação que viabilizem redes de empreendimentos solidários e criem uma identidade de catador de material de reciclável para terem força de reivindicação para melhores condições de trabalho e de remuneração.

Abreu (2001) afirma que a função das cooperativas exerce um papel social importante, à medida que proporciona a estruturação do trabalho dos catadores e ajuda na inserção dos mesmos na sociedade como profissionais e cidadãos, ajudando a resolver o problema do desemprego e da miséria nas cidades.

Montenegro (2011) reconhece o catador como o “elo mais frágil” da corrente que une o setor da reciclagem. Segundo ele, os catadores inserem-se a uma massa de trabalhadores sem unidade significativa, organização coletiva ainda embrionária para o trabalho (cooperativas e associações), cujos aspectos, como exploração da força de trabalho e o subemprego, são as características marcantes na constante

busca de assegurar as condições mínimas de sobrevivência através da realização diária de formas de trabalho, em geral, extremamente precarizadas.

3 – Participação no contexto popular

A palavra participação tem origem no latim *particeps*, que quer dizer participante, aquele que tem parte em; faz parte de; toma parte em; aquele que partilha ou tem quinhão. Tal significado pode parecer simples, mas muitas interpretações podem surgir dos diferentes conceitos que estas expressões geram em relação à forma e à intensidade de participação dos indivíduos (BORDENAVE, 1994). O processo de participação tem acompanhado a humanidade desde os tempos primitivos, fazendo com que os homens e as mulheres, através da participação, buscassem inserir-se na sociedade para resolver seus problemas e alcançar seus objetivos. Neste sentido, Bordenave (1994, p. 22), referindo-se à participação,

Participação é inerente à natureza social do homem, e tendo acompanhado sua evolução desde a tribo e o clã dos tempos primitivos até as associações, empresas e partidos políticos de hoje. (BORDENAVE, 1994, p.22).

Ainda, segundo Bordenave (1994), apesar da participação ser uma necessidade básica, o homem não nasce sabendo participar. Já em Brose (2010, p.10), encontramos que devemos ter, em mente, que a participação não é neutra. Participação é mudança, é conquista e distribuição de poder.

Neste sentido, Lima et al (2013 p.3) chama a atenção que, as diversas formas de participação constituem em ferramentas necessárias para o pleno exercício da cidadania em contextos globais e locais onde se almeja construir processos democráticos, principalmente, quando se está em jogo a relação do Estado com a sociedade.

No caso da sociedade brasileira, verifica-se que temos enfrentado muitos desafios na caminhada para nos tornamos, de fato, um país onde as demandas sociais (reprimidas historicamente) sejam visibilizadas e atendidas a partir da participação e das mobilizações, bem como que os processos de mais ou de menos mobilização e participação estão atrelados ao modelo de desenvolvimento estabelecido nas sociedades capitalistas (LIMA, et al 2013, p. 3).

Nos vários sentidos e nas formas de participar, encontramos em Pateman (1992) a participação é educativa e promove, através de um processo de capacitação e conscientização (individual e coletiva), o desenvolvimento da cidadania, cujo exercício se configura como requisito central na ruptura com o ciclo de subordinação e de injustiças sociais.

Desse modo, a participação representa, na realidade, uma possibilidade real de influir na tomada de decisão, nos assuntos de vital importância para a vida dos atores envolvidos. Esse processo, em uma conotação local, é fundamental para garantir a conquista de novos direitos, falando da possibilidade de ser atores, de sair da exclusão, de conquistar poder e melhorar a qualidade da política existente. Significa, portanto, no caso dos empreendimentos solidários, gerar uma outra cultura do trabalho, uma cultura participativa, solidária e auto-gestionária assim, como indica Vasconcelos (2007, p. 95).

O trabalhador que se insere em um grupo, mesmo que já formado anteriormente, não pode contentar-se em apenas participar deste grupo, enquanto alguém que apenas assume tarefas. Ele tem que ter iniciativa perante o grupo, pensar juntamente com o grupo para que este se viabilize enquanto empreendimento autogestionário. (SILVA, 2006.p.83).

Além de objetivar mudanças capazes de melhorar a qualidade de vida da população, a evidência e o desenvolvimento local, segundo Paulo de Jesus (2003), resulta também em benefícios para o meio ambiente, onde o processo de desenvolvimento local deve estar intimamente ligado à construção e ao fortalecimento da autonomia da comunidade local.

5 - METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido com o grupo da Incubacoop – UFRPE e na Associação dos Agentes Ecológicos e Recicladores da ilha de Itamaracá – PROILHA, localizada no município da Ilha de Itamaracá – Pernambuco, sendo realizadas visitas ao local onde se reúnem e nos domicílios dos associados/as, a depender da vontade, comodidade e disponibilidade dos entrevistados/as.

A coleta foi realizada no período de agosto até setembro de 2018, em dias diferentes. As observações diretas foram realizadas nos momentos das

capacitações e dos encontros marcados pela INCUBACOOOP-UFRPE e registrados no diário de campo. Os entrevistados/as deste estudo foram três associados/as que continuam na associação e três ex associados/as que participaram, em algum determinado período da associação.

As entrevistas foram pautadas a partir da pergunta norteadora “Fale sobre sua vida, desde da infância até os dias atuais, destacando os momentos que foram mais significativos na sua ‘vida”. Apesar de consistirem em entrevistas não estruturadas, a pesquisadora utilizou um roteiro de apoio à condução da entrevista, que foi gravada em formato de áudio *Mp3* para registro e, posteriormente, foram transcritas para compreensão dos significados dos relatos. Os dados foram transcritos na íntegra e organizados, realizando-se a leitura onde se estabeleceu o contato com o material a analisar.

6 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os sentidos produzidos na vida dos integrantes do Proilha, em decorrência da participação na associação e apoio recebido pelo processo de incubação na gestão do empreendimento solidário, foi possível evidenciar que este grupo enfrentou e enfrenta dificuldades em organizarem-se e que, no decorrer dos anos, foi muito difícil também a tentativa de formalização do grupo em associação.

Constatamos, a partir dos dados que o grupo não obteve, o necessário apoio de diversas gestões da prefeitura de Itamaracá. Passadas três gestões no município, aconteceram indícios de pequenos apoios, mas insuficientes para as demandas do grupo e da formalização da associação. Havia a indicação de que os gestores máximos do município não queriam trabalhar com a problemática do lixo.

Sobre a falta de apoio do poder público, evidenciamos que a Lei 12.305/2010, na qual institui a política nacional de resíduos sólidos, estabelece dois pontos importantes para os catadores de materiais recicláveis na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Há o reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda, além de promotor da cidadania e a integração dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos. Buscando inserir os catadores de materiais recicláveis na gestão integrada de resíduos sólidos dos municípios, define a prioridade de acesso

aos recursos da União para os municípios que em seu serviço de gerenciamento dos resíduos implantarem a coleta seletiva com participação de cooperativas ou outras formas de organizações dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, formada por pessoa física de baixa renda (IPEA, 2012).

Evidenciamos um pouco da história desse grupo de recicladores, e sobre a gênese do Proilha, verificamos que os momentos iniciais da tentativa de se associarem havia vinte e cinco pessoas catadores, na sua grande maioria homens oriundos, quase todos do lixão, e alguns outros catadores que faziam o trabalho pelas ruas da cidade, recolhendo material, mas que já tinham algum tempo de trabalho com a reciclagem. Com o passar dos anos, esse quantitativo foi reduzindo de 25 para 12, e, posteriormente, nos anos que seguiram, 9 para 5, até nos dias atuais, com três recicladores sendo dois homens e uma mulher.

Esses dados nos remetem a pensar no que diz Oliveira, Azevedo e Araújo (2014), ao comentarem sobre os níveis altos de rotatividade vivenciados nas cooperativas de reciclagem que podem pôr em risco a formação de um grupo coeso que se oriente pelos princípios cooperativistas, uma vez que com a entrada e saída de cooperados fragmenta-se a construção do grupo e o fortalecimento de vínculos. Nos achados sobre o perfil escolar, na sua grande maioria, são pessoas com baixo índice de escolaridade. Pelas histórias de vida é fácil verificar que, provavelmente, não tiveram a oportunidade de frequentar uma vida escolar com regularidade, e, assim, não concluíram nem o ensino fundamental. No pequeno grupo entrevistado apareceram muitas histórias com demonstração de que passaram ao longo da vida por muitas dificuldades pessoais e coletivas. Nos relatos de alguns com, inclusive, passagem pela polícia, violência doméstica, história de abandonos, momentos de vulnerabilidade entre outros relatos de estados de pauperização, como encontramos. A necessidade de criar a associação foi construída a partir da compreensão de que sozinhos não poderiam conquistar melhores condições de trabalho e vida. Muitos que trabalhavam no “lixão” viviam em condições subumanas. Foi verificada essa condição nos relatos a seguir:

Entrevistado 1 [...] A vida no lixo era nojenta, no lixão é passar um dia e esperar três dias para sair a caatinga de resíduo.

Entrevistado 2 [...] A gente vivia dentro do lixo, chegava bicho a gente tratava e comia, até comida com tapuru.

No entanto, eles acreditavam na possibilidade de que juntos poderiam conquistar alguns direitos no universo do tipo de trabalho realizado, porém eles não tinham referências quanto ao funcionamento de uma associação. As normas e os princípios a serem seguidos, o que gerou no decorrer dos anos, a dificuldade em cumprir alguns aspectos exigidos sobre a importância de organização coletiva entre os catadores. No início do ano de 2019, ao concluirmos o trabalho de campo, verificamos que a associação funcionava com o trabalho realizado em uma união por apenas de três pessoas.

Consideramos um retrocesso em termos de membros associativo, sendo assim, apenas um grupo embrionário para funcionamento e organização do empreendimento solidário. Os resultados relativos à identificação dos atuais e alguns que já participaram, mostraram que, entre todos os participantes, há dramas sociais, familiares e escolaridade baixa. Homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela violência, pelo sofrimento e pelo preconceito, indicando vulnerabilidade social no presente e nas suas origens.

Foi possível perceber que a atividade de reciclagem surgiu na vida dos mesmos como única oportunidade de sobrevivência. Não encontrando mais trabalho tanto no meio rural como na cidade, pela falta de uma formação de acordo com às necessidades e exigências do mercado, lhes restando como alternativa, trabalhar nas ruas da cidade como catador de materiais recicláveis.

Sobre o item que questionava a participação foi indicado que cada um deles teve participação e influencia na formação e existência da associação. Sobre as concepções e sobre os sentidos da participação na associação constatou-se que emergiram fatos e elementos significativos entre eles, e, assim, foi possível perceber nos relatos dos associados atuais e dos não associados, de que a participação na associação teve alguns significados para eles.

Percebe-se que o fato de gostar do que faz, e a necessidade de sobrevivência, contribuíram, inicialmente, para que a associada fizesse parte da associação, porém ela mesma reconhece que a sua permanência na associação acontece também pelo fato de oportunidade de aprendizagem. Em outro depoimento fica evidenciado que está dentro da associação participando é uma oportunidade de aprendizagem, coisa que não tinha no tempo que estava no lixão, o que podemos verificar no relato abaixo:

Entrevistado 1 [...] Eu só sair da associação por causa que eu comecei a desgostar das coisas que aconteceu, mas se não fosse isso, se eu ainda estivesse aqui estaria melhor, eu teria mais curso, mais conhecimento, eu tinha participado mais, eu teria aprendido mais, eu não tinha no tempo que trabalhava no lixão conhecimento de nada.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender, por isso somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p.69).

Um outro elemento destacado, no decorrer dos relatos dos associados e não associados, foi o elemento que valoriza a figura do catador, foi possível perceber, pelas falas, que o fato da participação na associação, para eles, proporciona uma sensação de pertencimento e os valoriza de forma pessoal e profissional diante da população local. Nos depoimentos, outras revelações importantes se fazem parecer.

As concepções sobre sentidos da participação na associação para a trajetória de vida dos participantes têm alguns significados relevantes para eles. Inicialmente, podemos identificar que a sobrevivência é um dos fatores que os levam a fazer parte da associação, porém é possível constatar que, no decorrer dessa participação, a aprendizagem tem um valor maior para eles. Ao se organizarem viabilizam a promoção de renda e acesso a reivindicações junto aos poderes públicos, além, certamente, que, através da participação, eles recolhem a valorização em ser catador.

Percebe-se, através da fala do catador, que o reconhecimento social de seu trabalho é um processo que se constitui através do decorrer do processo de incubação. O contato com esse material reciclável estigmatiza os trabalhadores à condição de miseráveis e “sem valor” para a sociedade. Do mesmo modo, aqueles que sobrevivem do que é descartado pela sociedade são igualmente considerados descartáveis.

Segundo Miura e Sawaia (2013), o estigma a eles é construído baseado em significados ideológicos de que o catador é “sinônimo de ladrão, mendigo, malandro, vagabundo, incapaz, e as pessoas se relacionam com ele com base nesses estereótipos” (MIURA e SAWAIA, 2013, p. 334).

Outros aspectos percebidos pelos relatos demonstram que, antes do trabalho de incubação, eles não tinham a compreensão do valor do material a ser recolhidos e vendido por eles, além, obviamente, da aprendizagem de separação do material agregando e, com isso, valor ao material recolhidos.

Os catadores, organizados em cooperativas ou associações, mesmo quando não avançam para operações de beneficiamento ou valorização de seus produtos, apresentam melhores resultados em termos de renda, vendem os resíduos em maiores quantidades, ofertando produtos em melhores condições de limpeza e classificação, barateando o transporte e prensando as cargas para comercialização (PINHEL; ZANIN; MONÁCO, 2011 p. 56).

Nesse sentido, importa também registrar a importância de como o processo incubatório contribuiu para a conscientização dos associados/as e ex associados/as com relação à prevenção ao meio ambiente. Em seus relatos podemos constatar a consciência do quanto o trabalho da reciclagem é importante para o meio ambiente e para eles, como pode ser percebido em algumas respostas:

Entrevistado 2 [...] Nós não somos catadores de lixo, nós somos recicladores, só que o meio ambiente não ver isso, que a gente trabalhar fazendo a limpeza da rua. Eles não ver que aquele material que o caminhão vai levar para o aterro é dinheiro.

Entrevistado 4 [...] Eu tenho orgulho de limpar o meio ambiente. Eu entrava nesse manguezal e tirava toda garrafa Pet. Eu ia para o pô do sol para tirar toda garrafa Pet. Eu limpava o meio ambiente.

Existe uma consciência bastante generalizada entre os catadores, de que o trabalho por eles realizado é importante para o município e para o meio ambiente. Por isso, Gonçalves (2005) explana que, ao buscar a atividade de catação como uma alternativa de trabalho para a geração de renda, garantindo, assim, sua sobrevivência e de sua família. Os catadores de materiais recicláveis vêm desempenhando um considerável papel socioambiental, visto que também estão dando aos materiais coletados um destino adequado, que é a reciclagem, beneficiando, desta maneira, o meio ambiente.

É interessante observar que os associados/as reconhecem que o apoio recebido pela incubadora fortaleceu o apoio recebido pela prefeitura.

Entrevistado 1 [...] A prefeitura ajudou mais, e porque ela ver que não estamos sozinhos, através de vocês a prefeitura reconhece a gente.

Entrevistado 2 [...] Se a gente não tivesse o apoio de vocês acho que éramos mais massacrados ainda pela prefeitura.

Quando as parcerias dos catadores com outras organizações funcionam efetivamente, outros benefícios podem ser conquistados, como o apoio estrutural (espaço e equipamentos), a capacitação para o trabalho, a formação dos catadores, o recebimento de materiais recicláveis em larga escala e a possibilidade de divulgação dos benefícios do trabalho para a sociedade; fatores esses que contribuem para a consolidação das cooperativas, associações e para a autoestima dos catadores (Jacobi e Besen, 2006).

Nesse sentido, fica bastante evidenciado, nas falas dos entrevistados, que o processo de incubação contribui para o desenvolvimento da autonomia dos envolvidos. Esses relatos corroboram com Castells (2017, p. 200) ao se referir à autonomia, refere-se à capacidade de um ator social torna-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados, independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses.

Outros aspectos evidenciados nos relatos foram possíveis verificar que houve um aumento de renda dos associados/as, e que os mesmos reconhecem que o trabalho na associação possibilitou um aumento significativo na sua renda.

Entrevistado 1 [...] Antes aqui era 25 catadores, mas era uma briga da cota, uma desunião, o dinheiro era outro cada um ganhava uma mixaria era R\$ 130,00, R\$ 120,00, e hoje eu faço 800,00 quase R\$ 1000.00 reais.

Entrevistado 3 [...] Aqui a gente ganhava uma mixaria, o valor não passava de R\$ 150,00 reais porque vendíamos ao deposeiros no lixão.

A formação de cooperativas contribui para o aumento da renda dos catadores, dignificando o trabalho e possibilitando um melhor padrão de vida a seus membros, além disso, reforça o poder de negociação com a indústria e as autoridades, propiciando maior autonomia à categoria laboral (Medina, 2000 apud SOUZA; PAULA; SOUZA PINTO, 2012, p. 251).

7. CONCLUSÃO

Analisamos as ações de incubação realizadas pela INCUBACOOOP – UFRPE no âmbito da extensão universitária e o que esse apoio contribuiu para o processo de gestão do empreendimento solidário do grupo Proilha. Sobre o processo de incubação, ficou evidente a importância de todo o tempo percorrido como laboratório de aprendizagem para professores, estudantes e técnicos administrativos da UFRPE. Os momentos vivenciados junto ao grupo Proilha também os levou ao conhecimento de outros grupos e a tentativa de formação de redes de cooperação. Também ficou evidenciada a articulação bem-vinda do ensino, como pesquisa de extensão.

Constatamos que a tentativa de se constituir uma associação teve início quando um pequeno grupo percebeu a necessidade de organização. Esse grupo inicial foi composto por catadores que sobreviviam do trabalho em “lixões” e da coleta das ruas da Ilha de Itamaracá, mas que possuíam interesse no trabalho mais organizado, buscavam melhoria nas condições de trabalho, renda e de qualidade de vida.

As dificuldades de formação dessa pretensa associação foram acompanhadas por dificuldades desde seus primórdios, por falta de incentivo e ações do poder público foi uma marca inicial de desagregação. Ao lado disso havia dificuldade em trabalharem coletivamente. Provavelmente, esse fato se dá pela falta de conhecimento dos que desejavam se associar quanto aos procedimentos administrativos, especialmente com relação à organização e à administração da produção, partilha, no trabalho em grupo.

Como parte dos objetivos da pesquisa, tomamos conhecimento da história de vida de seis catadores. Foi possível observar que alguns que estavam na formação do grupo não participavam atualmente, revelado, unanimemente, pelos entrevistados, que essas pessoas, agora ausentes do grupo, tiveram importância significativa para a existência e sobrevivência da associação ao longo dos anos, e que suas histórias de vida se entrelaçam entre si.

Quanto às concepções sobre os sentidos da participação, nas narrativas foi possível perceber que, inicialmente, o interesse de participar se faz pelo motivo de uma sobrevivência para atender suas necessidades básicas e, pelo significado

dessa participação, contribuiu para algumas mudanças como: a valorização de ser catador e das várias formas de aprendizagem ocorridas nesses momentos de participação. O elemento aprendizagem tem um significado muito forte entre esses indivíduos, e que ficou muito evidenciado, em suas falas, que isso seria um dos motivos, para os sócios atuais, de permanecer no grupo associativo.

Destacamos que os depoimentos revelam que, ao se agregarem, tornam viável o escoamento da produção e a luta por conquistas sociais e econômicas para todos. Também, nas narrativas, foi possível detectar que a agregação seria necessária para promoção de oportunidades, e de várias aprendizagens, como de controle de produção, que foi algo atribuído a ações da INCUBACOOOP ao trabalharem com a metodologia de oficinas e visitas a eles. Aprenderam também nesse apoio de incubação a convivência em grupo nos vários momentos e na divisão de tarefas.

Outro aspecto relevante foi a aprendizagem da separação, das triagens do valor do material recolhido possibilitando a eles o poder de barganha sem ter que depender dos atravessadores. Indicaram que houve uma mudança significativa na organização dentro da associação, na assimilação da demanda por parceria, valorização endógena e formação de redes.

Os integrantes reconhecem a importância da associação, da participação e de receberem apoio institucional, no caso da Incubacoop da UFRPE, e que esse processo fortaleceu a identidade do grupo e de sua função social. Proporcionou, ainda, a consciência de cidadania para alguns e que há formas de realizar o trabalho de recicladores com dignidade e, de forma generalizada, a consciência que seu trabalho é importante para a prevenção do meio ambiente.

Por fim, reiteramos que uma das principais contribuições dessa pesquisa se insere no esforço de possibilitar uma compreensão mais aprofundada, no que se refere à incubação realizada pelas incubadoras universitária para os contextos populares. A contribuição reflete-se na mudança para melhoria da realidade das pessoas e por amenizar as desigualdades sociais. Ficou evidenciada a possibilidade de melhorias aos contextos pauperizados assistidos.

Dessa forma, acreditamos que, através deste estudo, pudemos fornecer subsídios para formulação de políticas públicas para o apoio à coleta seletiva de

resíduos sólidos. Pode ampliar o conhecimento sobre os processos de incubação e o trabalho das incubadoras, além de evidenciar a importância da participação, do uso de metodologias participativas nesse tipo de atividade e que possibilite aos sujeitos vários sentidos que não sejam associados apenas à sobrevivência e de processos democráticos.

Concluimos que, apesar do esforço de incubação, reconhece-se que alguns avanços foram alcançados na tentativa de apoiar a organização no Proilha. No entanto, o trabalho não alcançou a meta de organizá-los para a autonomia dos mesmos. Assim, percebe-se que o Proilha não pode, em nossa compreensão, ser considerada uma associação, mas sim um grupo embrionário que poderá alcançar os aspectos de associação em uma etapa posterior. Passados os anos, ainda estão em processo de construção para ser associação de fato.

A sistematização dessa pesquisa representa uma possibilidade de contribuição para reflexões sobre um modelo de Extensão Universitária realizado com contextos populares. Esses elementos são “matérias-primas” em muitas aprendizagens para docentes, discentes e técnicos administrativos, e essa indicação está nos princípios sinalizados e indicados na Matriz Metodológica da INCUBACOOOP.

7. REFÊRENCIAS

ABREU, M. F. **Do lixo a cidadania: estratégia para a ação**. São Paulo. UNICEF/Caixa Econômica Federal, 2001.

BORDENAVE, Juan E, Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BOCAYUVA, P. **Incubadora tecnológica de cooperativas populares da COPPE/UFRJ**. In I. Camarotti, &S. Peter (Org.). *Redução da pobreza e dinâmicas locais*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. 2008, vol. 23, n.67, pp. 101-116.

BROSE Markus Metodologia participativa: **uma introdução a 29 instrumentos / Markus Brose (Org.)**. – 2. ed. – Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. 328 p. (Coleção Participe).

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet/ Manuel Castells; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 2. Ed. Ver.e atual. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CHAVES De França, A. y QUEIROZ, F.: **Globalização, desigualdade e meio ambiente**: perspectivas e abordagens para o século XXI. Contribuciones a las Ciencias Sociales, febrero 2014. Disponível em: <www.eumed.net/rev/cccsc/27/politica-ambiente.html>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FRAGA, Lais Silveira. As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCP) na construção da contra hegemonia acadêmica. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 496-539, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

GAIGER, Luiz Inácio Germany (Org.). **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2005.

GOUVEIA, N. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 6, p. 1503- 1510, 2012.

IPEA. **Diagnóstico sobre Catadores de Resíduos Sólidos**. *Relatório de Pesquisa*. 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/relatorio-da-pesquisa-diagnostico-sobre-catadores-de-residuos-solidos-bp-313.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos na região metropolitana de São Paulo - avanços e desafios. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 2, p. 90-104, 2006.

JESUS, Paulo de. Desenvolvimento Local. In: CATTANI, Antoni David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

JUNCÁ, D.C.M. **Vida de cata- dor**: Outras palavras sobre o lixo. Caderno do CEAS, 2001, 193- p.61-68.

LIMA, Irenilda S. et al. A participação como necessidade humana e ferramenta da Extensão Rural no apoio aos sujeitos coletivos de direitos e políticas para os agricultores familiares e pescadores artesanais em Maracáipe - Pernambuco. XXXVI INTERCOM MANAUS 2013.

LIMA, Irenilda s; JESUS, Paulo de; DOS SANTOS, José Ricardo; SILVA, Filipe Lima, COSTA, Maria Aparecida Tenório Salvador. **Algumas considerações sobre o direito ao acesso às mídias digitais no âmbito da educação e dos contextos populares**. Revista Human@ae. Ed. especial seta ,2015.

----- **Universidade, formação continuada de professores e deságios da Educação do Campo**. In Salvador da Costa, M. A. T. Educação do Campo: Reflexões sobre a formação docente. Coleção Renaform UFRPE. MXM Gráfica Editora. 2016.

MILANEZ, Francisco. **Desenvolvimento Sustentável**. In Cattani, A. David. (org). A Outra Economia. Porto Alegre: Vaz Editores. 2003. 76-82.

MIURA, Paula Orchíucci.; SAWAIA, Barder Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), p. 331-341, 2013.

MONTENEGRO, D. M. Trabalho, lixo e lucro: precariedade do trabalho no circuito econômico da reciclagem. In: **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidades e (des)igualdades**. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2011.

Disponívelem:http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308335335_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO-XICONGLUSOAFROBRASCSOCIAIS.pdf. Acesso em 09.04.2019

OLIVEIRA, M. C.; ARAÚJO, G. C.; VAZ, A. S. G.; LIMA, J. S.; BARROS, J. F.; SOUZA, V. F. F.; MONTEIRO, V. S. **Valores de trabalho de catadores de material recicláveis**: Expectativas com o trabalho cooperado. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, v.33, n.122, p. 201-220, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, M. C de.; AZEVEDO, A. M. S.; ARAUJO, G. C. Os sentidos de rotatividade em uma cooperativa de reciclagem. Desenvolve: **Revista de Gestão do Unilasalle**, Canoas, v. 3, n. 1, mar. 2014, p. 227-243.

PATEMAN, C. 1992. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PINHEL, Julio Ruffin.; ZANIN, Maria.; MÔNACO, Graziela Del. **Catador de resíduos recicláveis**: um perfil profissional em construção. In: ZANIN, Maria; GUTIERREZ, Rafaela Francisconi. (orgs.). Cooperativas de catadores: reflexões sobre práticas. São Carlos: Clara luz, 2011. p. 52-101.

SANTANA JUNIOR, G. (2007). **A Economia Solidária em face da dinâmica da acumulação capitalista**: da subordinação a um novo modelo de regulação social? Tese de Doutorado Pós-Graduação da Escola de Administração. Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego**: Diagnóstico e Alternativas. São Paulo: Contexto. 1999.

SINGER.; SOUZA, A.R. 2000. **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo, Contexto, 2000.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILVA, M.A. Educação e trabalho como um processo de emancipação humana: proposta de economia solidária com trabalhadores(as) apenados(as). **Revista Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v.7, n.9, p.71-90, dez, 2006.

SOUZA, Maria Tereza Saraiva de; PAULA, Mabel Bastos de and SOUZA-PINTO, Helma de. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. *Rev. adm., empres.* [online]. 2012, vol.52, n.2, pp.246-262. ISSN 0034-7590. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902012000200010>.

TAUK SANTOS, Maria Salett; CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org). **Associativismo e desenvolvimento local**. Recife: Bagaço. 2006.

TEIXEIRA, E. **O local e o global**: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo/Recife/Salvador: Cortez/EQUIP/UFBA, 2001.

TIRIBA, L. **Economia popular e cultura do trabalho**. Pedagogia(s) da produção associada. Ijuí: Unijuí, 2001.